

Aires Barbosa na Cosmópolis Renascentista

Italo Pantani, Margarida Miranda &
Henrique Manso (coordenadores)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SAPIENZA. UNIVERSITÀ DI ROMA
SAPIENZA. UNIVERSITY OF ROME

LUCRÉCIO E AIRES BARBOSA
(COMENTÁRIO A ARÁTOR, *HISTORIA APOSTOLICA* 2.11.17;
LUCR. 2.999-1001)

ANA MARÍA S. TARRÍO
Universidade de Lisboa

Como diz Lucrécio: «Realmente, o ciclo inverte-se: o que antes veio da terra/ retorna à terra, e o que desceu das regiões etéreas/ de novo o recebem os templos estrelados do céu». Isto é verdade, na medida em que está em harmonia com a piedade cristã.

Aires Barbosa¹

Com esta sumária naturalidade citava Aires Barbosa, em Salamanca, em 1516, a apologia do ateísmo e do materialismo mais entusiasmada da literatura romana (*De rerum natura* 2.999-1001) nada menos do que num comentário a uma epopeia bíblica sobre as gestas dos apóstolos Pedro e Paulo, escrita no século VI (Arátor, *História Apostólica*)².

Nem o próprio Giovanni Pico della Mirandola, artífice da conciliação entre paganismo e cristianismo, teria ousado tanto. Muito pelo contrário, trinta anos atrás evocara o nome de Lucrécio como reprovável antítese do teólogo medieval Duns Escoto, na famosa e polémica carta a Ermolao Barbaro (de 3 de Junho de 1485), em breve considerada um ensaio sobre a superioridade da Filosofia/Teologia sobre a Retórica. Para Mirandola era sem dúvida preferível à *mens insipiens* do eloquente poeta latino o *os insipidum* do teólogo medieval.

Porque «podemos viver sem língua, incomodamente, sem dúvida, mas sem coração não podemos de todo viver»³.

A transmissão manuscrita de Lucrécio e a história da sua recepção durante a Antiguidade Tardia e a Idade Média permitiriam justificar, no entanto, este aparente *oximoron*. A fragmentação antológica do *De rerum natura*, realizada

¹ *Vt enim ait Lucretius: «cedit item retro, de terra quod fuit ante,/ in terram, et quod missum est ex aetheris oris/ id rursus caeli stellantia templa receptat». Hoc uerum est quatenus Christiane pietati congruit*, ed. e trad. José Henrique Rodrigues Manso, *Comentário de Aires Barbosa ao Segundo Livro da História Apostólica de Arátor*, Lisboa, 2011, pp. 464-465; cf. Lucr. 2.999-1001.

² Aires Barbosa, *Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum Commentariis Arii Barbosaes Lusitani*, Salmanticae, in aedibus Ioannis Porris, Mense Aprili MDXVI. Doravante citaremos sempre o comentário barbosiano a partir da edição de Manso, op. cit.

³ Giovanni Pico della Mirandola, *Opera omnia*, fac-símile da ed. Basileia, 1557, Hildesheim, 1969, vol. I, p. 352: *uiuere sine lingua possumus, forte non commode, sed sine corde nullo modo possumus*.

sobretudo pelos autores gramaticais⁴, havia destilado a sua elegância formal e mestria métrica inigualáveis e havia inutilizado profilacticamente o seu potencial veneno, transformados os seus versos em modelos de escrita poética, úteis sobretudo para a composição de hexâmetros.

Esta forma de utilização, de abonada tradição medieval, seria à primeira vista plausível na pena de um professor universitário que consagrou metade dos seus títulos publicados a conteúdos didácticos gramaticais e mormente métricos (*Relectio de uerbis obliquis*, Salamanca, 1511; *Epometria*, Salamanca, 1515; *Prosodia, Ortographia*, Salamanca, 1517).

A aplicação antológico-didáctica não esgota, contudo, o significado desta ocorrência.

Ela não responde a um Lucrécio reduzido a pura còdea métrica, a mero envoltório formal, na medida em que se apresenta na qualidade de abonação a um conceito do autor patrístico comentado, como resultado de uma associação de sentido. Barbosa lembrou-se destes versos do livro segundo do *De rerum natura* ao explicar um passo de Arátor relativo ao regresso dos seres à sua origem celeste, regresso que teria como garantia ou penhor a semelhança do mundo criado (a *fabrica pulchra*) ao seu Criador, isto é, a sua beleza⁵. A ideia de que as coisas terrestres guardam a aparência da sua semente celestial podia efectivamente incitar um leitor cristão de Lucrécio a evocar os *semina rerum*, recorrentes no livro segundo do *De rerum natura* e em especial o passo que começa por *Somos pois todos oriundos de semente celestial* (*Denique caelesti sumus omnes semine oriundi*, Lucr. 2.991), sequência na qual se inserem os três versos citados pelo humanista luso.

Como este identifica claramente o autor latino citado, não se poderá inscrever nessa “congiura del silenzio” cunhada por Traina no seu estudo sobre a transmissão textual de Lucrécio⁶. No entanto, a citação também sobressai pelo que não diz, pelo seu excessivo laconismo.

Aos seus eloquentes silêncios dedicamos estas páginas.

⁴ Os autores gramaticais detêm, como é sabido, um papel fundamental na tradição indirecta de *De rerum natura*, sobretudo Nónio Marcelo, mas também Prisciano, Macróbio, Sérvio, Probo, Carísio, como apontaram os principais nomes do estudo da sua transmissão textual (Pizzani, Flores, Pasquali). Vd. V. Sivo, «Fortuna medievale di un verso lucreziano (da Micone di Saint-Riquier a Giovanni Balbi)», *Invigilata Lucernis* 10 (1988) 305–25; cf M. D. Reeve, «The Italian Tradition of Lucretius», *Italia Medioevale e Umanistica* 23 (1980), 27–48.

⁵ O comentário parte concretamente da explicação da expressão *pro pignore* de Arátor 2.9.15–17: *ne fabrica pulchra Creantis/ quae plasmata solo caelestis imaginis instar/ traxis et auctoris speciem pro pignore gestat*; Barbosa, *Aratoris...*, op. cit.: *pro pignore, scilicet, reditus caelestis et in patriam illam antiquam, si recte egerimus et pie innocenterque uixerimus. Ut enim ait Lucretius...*, pp. 456, 464.

⁶ A. Traina, «Lucrezio e la “congiura del silenzio”», in *Poeti latini (e neolatini): note e saggi filologici*. Bologna, 1975, pp. 81–91.